



AZEVEDO, Sônia Machado de. Memória: criação e recepção nas artes da presença. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH.

Resumo

O texto dialoga com conceitos advindos de diferentes campos do conhecimento ao ligar vivências individuais à presença humana no mundo das artes e da cultura. A questão da personalidade e sua autoinvestigação em processos criativos são examinadas a partir de impulsos para o enraizamento, necessidade de pertencimento, acolhimento e vida testemunhada pelo outro. O registro carnal dos momentos vividos via sensações gravadas como cicatrizes na história pessoal e memória sensorial são investigadas como fonte, tanto da criação nas artes presenciais quanto de sua recepção em espaços públicos, através de atos políticos por excelência. Criação e recepção ligam a memória de quem somos à nossa pátria cultural e ao mundo da cultura.

Palavras-chave: presença humana; alteridade; memória; criação; recepção.

Abstract

The text dialogues with concepts from different fields of knowledge, connecting individual experiences to the human presence in the cultural and artistic world. The question of the personhood and its self investigation in the creative processes are examined from impulses towards rooting, the need for belonging, the reception, and life witnessed by the other. The carnal register of the moments lived via sensations marked as scars on personal history and sensorial memory are investigated as source, both to creation on arts of presence and its reception in public spaces, by means of political acts by excellence. Creation and reception connect the memory of who we are to our cultural homeland and the cultural world.

Keywords: human presence; otherness; memory; creation; reception.

O presente artigo busca estabelecer diálogo de modo ensaístico com alguns teóricos que perpassam minhas atuais pesquisas: Emmanuel Lévinas, Hannah Arendt, Umberto Eco, Luigi Pareyson e Gaston Bachelard. Em meio ao excesso de informação da contemporaneidade tento aproximar as artes da presença desses pensadores buscando o que, para mim, faz sentido; isso me torna mais próxima daquilo que sou e do que pode ser dividido e compartilhado com o outro. Um lugar junto com, lugar de não solidão.

No mestrado (1989) debruicei-me sobre o corpo do ator, seus princípios de trabalho e suas questões. Depois o acaso me conduziu a um trabalho de ensino do teatro no qual acompanhei quase 2.000 alunos durante dezessete anos da minha vida (doutorado defendido em 2005, livro a ser lançado em 2013). Durante esses anos notava que, embora todos os núcleos de ensino e pesquisa estivessem localizados no estado de São Paulo a diversidade de poéticas em sua produção artística era enorme. Nesses locais as apresentações, fruto das aulas, eram verdadeiros e intensos acontecimentos; se os resultados eram diversos as plateias o eram igualmente. A única coisa

que unia esses eventos muito esperados era a energia presente nos conjuntos de intérpretes e em sua relação com a plateia.

E se as produções de cada núcleo eram incomparáveis, em todos os lugares os teatros lotavam e os encontros transformavam-se em grandes festas como eu nunca havia visto. Foi então que conheci de fato esse sentido de encontro/festa coletiva, esse estupendo entusiasmo que brota, em primeiro lugar, do fato de as pessoas estarem reunidas. Eventos sagrados eram o que me pareciam essas apresentações e eu não havia vivenciado nada igual até então, exceto talvez no início dos anos setenta quando o teatro e a ida ao teatro nos pareciam uma tábua de salvação sobre o abismo da ditadura.

A pesquisa foi realizada, a tese defendida, mas o sentido festivo do encontro, mais do que qualquer teorização passou a perseguir minhas reflexões. Encontro entre cidadãos em espaços públicos no sentido de Hannah Arendt; encontro político entre pares: os fazedores e os receptores, encontro que tira pessoas do anonimato e da invisibilidade em atos de revelação e compartilhamento. Encontro de alguém com seus pares, um dar-se a ver na visibilidade do rosto do outro, numa contínua troca com o mundo e seus habitantes, como quer Levinas.

Venho de épocas em que o teatro era também arma política, das performances de rua, das apresentações relâmpagos, que denunciavam o estado de exceção que se instalara entre nós. Persegui e persigo ainda essa intensidade do que afeta, trespassa, transforma, tira o fôlego. Como quando se está colado a uma bateria de escola de samba ou num estádio de futebol em final de campeonato. Ao longo da vida passei por diversos lugares: o palco, os bastidores, a direção, a escrita e o ensino; vejo que o que permanece em tudo é o sentido do jogo e do encontro, um encontro que signifique, acrescente valor às nossas próprias histórias.

Em maio desse ano iniciei um grupo de estudos que investiga a presença, o que atinge verdadeira e humanamente cada um de nós. E isso nos parece, de algum modo, ter relação com a memória; memória sempre reinventada que é um dos modos mais inteiros talvez de posse daquilo que somos. Tenho pensado nessas coisas junto com meus jovens alunos-pesquisadores de dois modos: unindo suas curiosidades às minhas e buscando um universo teórico compatível.

As memórias, armazenadas em algum lugar de nós, veem à tona seja através das palavras, seja através do movimento e das ações, tantas vezes inconscientes. Desejamos pensar/pesquisar sua intensidade por uma ou outra via, pois muitas delas são reveladas pelo choro, pelas mudanças de tons e, assim como os sonhos, nem sempre se deixam traduzir, sabemos delas e deles por certo estado, por uma atmosfera que se gruda no corpo e que permanece ali algum tempo. Esses estados trazem consigo certa energia visível, sensível, perceptível que se deixa comunicar aos presentes: o corpo vivifica-se trazendo nosso passado/sempre presente para esse nosso presente/presente que está sendo transformado em futuro/presente, dá-se a conhecer, chama a atenção e conta com a atenção do outro através de

memórias do vivido que retornam ou sempre estão conosco em forma de emoção e que podemos tocar ao revisitar seus lugares de origem e suas raízes, ao investigarmos a nós mesmos como autobiografia material, num eterno retorno a esse passado dos espaços plenos de potência da infância.

O caminho corporal e o de compartilhamento de memórias/histórias é caminho de pertencimento, em primeiro lugar ao sujeito da ação de lembrar, que mais e mais se reconhece nesse si mesmo e, simultaneamente, parece ter a função de ligá-lo, naquilo que é essencialmente humano, a todos os outros, ao seu grupo.

Então, o primeiro pertencimento é o reconhecimento das nossas raízes e origens e a via do corpo, assim como a via da palavra contada ou escrita, tem forte componente expressivo, no sentido mesmo de contágio e troca. O corpo/eu enraizado numa cultura que é de cada um, forma mapas, desenhos, fronteiras e estradas que podem nos levar ao novo, ao contato com aquele que em tudo é diferente permanecendo, no entanto, também igual.

Junto com Eco e Pareyson passamos a pensar nessas atividades formantes que tornam visível um objeto - e esse objeto pode ser, além do corpo, o próprio ator transformado em obra - onde o processo pelo qual passa o artista como que se deixa aprisionar para sempre na forma e esse aprisionamento é, através da empatia, compartilhado com certas pessoas, como uma história inaudível talvez para os ouvidos, mas perceptível e captável nessa troca que se dá entre um eu e o outro. Eu escuto e me escutam e isso parece ser precioso em épocas de dispersão e desencontro.

De vários modos estamos perseguindo essa relação essencial entre o criador/criatura e o leitor/leitura; ou entre o criador e seu receptor. Em certos acontecimentos presenciais pode-se detectar que ali há mais do que o que é materializado, e esse algo invisível, porém perceptível, religa-se a outras histórias numa imensa e incontrolável rede. E se a presença é um estado físico caminhando sempre do passado em direção ao futuro, pensando em companhia de Levinas, a presença é um momento infinito fonte de múltiplas potências: sempre vindo de longe e rumando inevitavelmente para o infinito desconhecido.

A presença em tempo real traz uma materialidade que está em devir; nesses espaços potenciais intermédios da criação e recepção a memória é sempre ato contínuo de atualização, como se as lembranças ligassem imaterialmente o lembrado e o vivido. Toda a presença traz o tempo, encarna o tempo, materializa o que já existiu, mas também o que ainda virá.

Essa tem sido uma investigação apaixonante, uma aventura por terras paradoxalmente desconhecidíssimas e familiares. E essa a memória que permanece nas coisas materiais, nos objetos, nas casas de infância, nas cidades, bairros, assim como a memória que vai se alojando em outros espaços dentro de nós e que só nos damos conta em determinados momentos lembram a nós mesmos quem somos. E esse sentimento de quem somos que nos diferencia de todas as pessoas do mundo, da totalidade da raça humana a

qual pertencemos, também é o que nos une nessa humanidade perene que segue desde passados longínquos rumo a impensáveis futuros.

O impulso para o aparecimento que existe nas artes presenciais e outros acontecimentos inscreve-se como luta contra o anonimato e a morte em vida da homogeneização. Um corpo/história, um corpo/casa oferece-se à visita do outro, testemunha de sua existência. Há, nos parece, um marcado impulso para o aparecimento e para o reconhecimento de si na vida pública nesses tempos virtuais, aparecimento que, quando concretizado contribui para o fim da invisibilidade que a sociedade atual proporciona e traz o acolhimento por seus pares.

Aquele que compartilha a si mesmo e suas raízes salta de um lugar originário do passado através de uma encarnação perene no presente atualizando e vivificando os traços e cicatrizes deixadas por vivências primeiras. Esse impulso contribui para os processos de individualização contrariando as tendências alienantes da sociedade atual que parece querer igualar a todos numa mesma massa informe, destituída de personalidade. A visibilidade garante e atualiza quem somos em nossa unicidade com a consciência de nossa história pessoal nos garantindo a inserção na História que nos pertence por direito e herança num movimento diretamente contrário ao da alienação, em vidas vividas e vidas potenciais.

Tocar as próprias raízes fundamenta a criação. Se essas raízes vivem nas sensações primordiais nas nossas memórias sensoriais então são momentos vividos cravados no corpo que podem ser compartilhados diretamente, pois estão imersos no devir. Nesses aparecimentos como que nos reescrevemos nos corpos vivos que nos observam. O público, acompanhando um acontecimento pode se ver refletido nos caminhos trilhados pelo atuante/ator que habita de fato seu corpo.

As imagens, portanto, as vistas, as sentidas ou pressentidas tem o poder de auxiliar no processo de individuação e cidadania. As imagens emergem de algum lugar onde ficam guardados os cheiros da infância, uma cor inesquecível a que se liga para sempre uma emoção, um bolo que tem em seu sabor a lembrança de uma avó morta há tanto tempo, um olhar que respondeu ao nosso olhar enquanto nós olhávamos alternadamente o seio que nos alimentava e os olhos que acompanhavam atentos ou não esse nosso ato.

E onde ficam armazenadas as imagens imaginadas, inventadas pelo cérebro de quando sonhamos e que durante processos criadores se multiplicam, encantam e aterrorizam nossas vidas, memórias de tatos e contatos que, por vezes, subitamente emergem de suas profundezas para nos aproximar mais de quem somos ou que ficam como cicatrizes invisíveis tatuando algum lugar em nós, encapsulado e secreto?

O trabalho autoral – exigência precípua da arte e de toda criação liga-se definitiva e estreitamente ao reconhecimento de quem somos e de nosso lugar no mundo e nossa experiência passa pelo testemunho dos outros, no sentido de que uma presença humana afeta a outro ser humano.

Para Pareyson a arte inventa seus modos de ação em seu próprio fazer e nosso Grupo de Estudos tem pensado sobre isso ao alargar-se para outros acontecimentos além das manifestações artísticas; interessam-nos todos os processos de dar forma e os objetos formados e se a formatividade foi a base conceitual da pesquisa de minha tese agora penso ter ampliado esses princípios de trabalho unindo a forma ao intraduzível que busca todo o tempo tradução; a forma existente no fim de um processo de aprendizado de uma dança, de uma sequência física, de uma cena é resultado de uma atividade que se inventa no próprio ato que a executa; a arte fala a todos, mas a cada um do seu modo assegurando universalidade através da individualidade instituindo uma comunidade através da singularidade.

A pluralidade humana de que fala Arendt estimula a igualdade naquilo em que seres humanos podem se igualar e nas diferenças entre cada uma delas; cada ser humano que nasce é um forasteiro vindo de terras distantes que desconhece o lugar onde passará a habitar, assim torna-se um iniciador que, segundo Arendt pode realizar o infinitamente improvável; daí a importância dos relatos, depoimentos, histórias pessoais, biografias como atos políticos, palavras e atos compartilhados publicamente e em liberdade.

Locais de encontro são locais de aparecimento, onde homens podem revelar-se uns aos outros, são espaços públicos, isso é estar entre iguais absolutamente não iguais; pensamos com Levinas e Arendt na hospitalidade desses espaços que são acolhedores e em sua capacidade de acolhimento a alguém que não é igual a ninguém, alguém absolutamente único em sua alteridade.

As leituras das obras de arte e dos acontecimentos humanos são infinitas, tanto quanto sejam seus receptores. E cada leitor percorre à sua maneira as estradas que estão subjacentes à forma e que guardam todo o mundo vivido e talvez novamente recordado e reinventado no processo de criar, num sempre presente.

Referências:

ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *A condição humana*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

_____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BACHELARD, Gaston.

ECO, Umberto. *A definição da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao Existente*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

_____. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2010.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.